



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 474 — Preço 1\$00
12 DE MAIO DE 1962

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAVIL. DA ESCOLA * PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * FUNDADOR: Padre Américo * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS * CASA DO GAIATO

SETUBAL

FOI ontem mais uma assembleia vicentina em nossa casa. Homens venerandos e ilustres em comunhão autêntica com jovens irrequietos, e senhoras sem distinção de categorias sociais e os Pobres como a menina dos olhos de todos. Estiveram reunidos os filhos de Deus!... Como é bom viver em caridade!...

Um tom novo, este ano, foi a presença de irmãos da direcção central e da Cova da Piedade. — Mais universalidade e mais unidade!...

A meditação e a oração de todo o dia foi a Presença Viva de Jesus no homem. Jesus como Vida! Como a única Vida autêntica! Como Ressurreição e Vida!...

O Vicentino é neste mundo presença do Senhor — força que opera a ressurreição do Pobre!...

Quantos mortos da revolta, filha do abandono social, ressurgem do sepulcro do ódio, à chamada amorosa do vicentino que os ama e que, a pouco e pouco, neles vai semeando o amor, germen de vida que, por fim, desabrocha! Ressurreição difícil, lenta, mas ressurreição. Não é este o significado dos dois casos relatados na última reunião?

Quantos irmãos descrentes vêem o Senhor através do vicentino! Quantos?!...

Eu sou testemunha. Ele tremia, Os olhos vermelhos e arrasados de lágrimas diziam da comoção interior nele operada. Expressava uma felicidade nunca sentida — "Eu gosto tanto disto"; e uma sede abrasadora — "Eu nunca me confessei nem recebi o Senhor. Pouco sei rezar mas creio no Senhor Jesus."

Como é que ele viu o Senhor e acreditou nEle? — Por causa do vicentino.

Basta crer no Senhor Jesus, dissera ao princípio, Filipe ao servidor da Rainha etíope. Eu disse do mesmo modo. — Pode confessar-se e comungar. O Senhor entrou nele autenticamente não em disfarce, que o vicentino não disfarça Cristo.

Por esse mundo além, quanta dor aliviada pelas Conferências de S. Vicente de Paulo. É o Senhor que passa. É Jesus de Nazaré, curando, lavando, acarinhando, amando. É o amor! É Deus! É a Ressurreição. É a Vida!

Os vicentinos saíram como nos outros anos — "Que penal Passou-se o dia tão depressa" — cheinhos e saudosos.

P. e ACILIO

Calvário

A pequenita Maria Alice completou um ano de estadia no Calvário. Ninguém supôs que fosse possível. Pelo contrário, era a afirmação geral que ela não iria resistir. Mas o caldo certo, ministrado a tempo e horas por doentes que lhe devotaram, desde o início, um amor muito grande, operou a ressurreição. Já fazer seis anos quando chegou. Desava cerca de quatro quilos. Não comia — bebia água açucarada. Não andava: Não falava, nem via. Hoje come, anda, fala e sorri contente. Apenas não vê, para confirmação de como se pode nascer sem vista, por carência do alimento preciso nos primeiros meses de vida, que são aqueles que antecedem o nascer. A mãe era cancerosa e passava por dificuldades que só os Pobres conhecem. Teve pois uma criança cega!

A fome é um problema sério, de consequências, quase sempre, funestas. Há quem na passe por falta de alimento em quantidade suficiente, ou por ausência de calorías e proteínas indispensáveis à vida. Mas também há quem na passe, occultamente, por falta de elementos específicos, como sejam o ferro, o fósforo, o cálcio, donde resulta o raquitismo, a descalcificação, a anemia e, até parece que a surdez e o mutismo. Todos temos observado as aves a perfurar o reboco das paredes, porque precisam de cálcio. E de quantos elementos não reclama o nosso organismo! Se aqueles faltam, este ressent-se necessariamente. Os entendidos dizem que a falta de certas vitaminas ocasiona males determinados. A falta da vitamina A entra na perda, ou, pelo menos, no enfraquecimento da vista. A Maria Alice é vítima confirmada. Não vê, porque não conheceu nos primeiros tempos da vida o leite, o leite

são, portador da vitamina e que ajuda a formação da vista. Parece incrível que esta criança hoje seja cega porque não bebeu leite! Também a falta da vitamina B está relacionada com a paralisia. A origem dos males é por

Continua na página 2



A pequenina Maria Alice é uma ressurreição!

TOTOBOLA

O desfile continua — não cansado de desfilar, mas triste por não ver os seus votos coroados de êxito. São dezenas e dezenas de cartas a dizer que sim. E nem sequer reputo que quebre a unanimidade o único postal a dizer que não, porque vem cheio de má-fé e é anónimo. Ora escutem esta carta que ontem me chegou às mãos:

«Venho para tornar maior o número de cartas a querer o tostão do Totobola. Também passaremos todos a tomar parte no sorteio, se o tostão de cada matriz se destinar à construção de casas. Porque esperam? Quem se atreve a hesitar? Alguém duvida dos milhares de barracas próprias para habitação de bichos, que albergam tanta criança, miséria e doença? Não sabemos todos que é verdade, e que "se somos um país cristão", é preciso

provar com obras que o somos? Como combateremos os que nos combatem? Com lérias? De lérias estão eles e estamos nós todos fartos. Teime, Padre. Chame-nos a todos para irmos consigo, se isso fôr preciso. A única coisa má no Totobola será o "nenhum" sacrificio que ele implica. Na realidade, dá pena ver como todos fugimos e evitamos o sofrimento, o sacrificio, mesmo pequenino.

cont. pág. DOIS



Continuação da página UM

vezes tão secreta que ninguém atina com eles!

A fome é sem dúvida um problema de dimensão tão larga como o mundo. Os números aterram. Cerca de 30 a 40 milhões de seres humanos morrem anualmente em consequência da penúria de alimentos ou por insuficiência alimentar. E o problema agrava-se, por-

dos problemas da fome, vai actualizar os dados concretos do problema. Os últimos são de 1953. Os especialistas nesta causa baseiam-se no número de calorias, de que dispõem os habitantes dos diversos países, relativamente ao que deviam possuir e possuem de facto em certas regiões do globo. Resulta da observação última que 72%



Estes pequeninos «monstros» também são teus filhos, oh mundo!

quanto em menos de meio século as bocas terão duplicado sobre a Terra.

E, onde poderemos encontrar os que passam fome? Eles não falam; por isso passam despercebidos. No entanto, vivem nas barracas, nas ilhas, nas oficinas, pelos campos, nos hospitais, cruzando-se connosco nas ruas! Ao observador atento não podem passar incógnitos rostos famintos!

Quanto são os que passam fome? Dá uma ideia mais ou menos exacta o que se vem afirmando há muito: No mundo em cada 3 pessoas 2 passam fome. A organização mundial que se ocupa

da população mundial não dispõem das 2.750 calorias precisas. Entre estes 12,7% vivem com 2.000 a 2.700 calorias—são os sub-alimentados. Os restantes 59,5% não atingem a média de 2.200 calorias—são os famintos propriamente ditos. Em resumo: pouco mais da quarta parte da Humanidade está suficientemente alimentada.

Para um problema desta dimensão é bem precisa a mobilização da boa-vontade geral de todos os homens. Precisam-se de técnicos para o desenvolvimento das fontes de alimentação. Economistas para a organizada e equitativa distribuição das mesmas fontes, onde a escassez exige a superabundância. Políticos que quebrem as barreiras nacionais e continentais. Mas sobretudo e no arranque

Totobola

E mais esta:

continuação da página UM

«Acabo de ler o último número de «O Gaiato», com a habitual curiosidade e satisfação, e o assunto «TOTOBOLA», que desde o início me entusiasmou e mereceu o meu incondicional aplauso, suscitou-me uma ideia, talvez ingénua, mas de qualquer modo tão bem intencionada como as mais.

Sem descrever do êxito da «Campanha», estou, no entanto, convencido que o dia da vitória não virá tão depressa quanto os amigos

de tudo, é preciso implantar o clima aberto e leal da fraternidade humana—o único propício à solução. Na consciência, a criar, da Irmandade humana não haverá esquecidos nem estranhos, e a fome, que hoje é problema grave, estará no caminho da solução. João XXIII na Encíclica «Mater et Magistra» declara que este problema é o mais importante da nossa época. O Papa, falando aos mentores responsáveis da Sociedade, aponta-lhes a solução: «A solidariedade que une todos os homens numa só família, impõe às Nações que superabundam em meios de subsistência o dever de não serem indiferentes para com os países cujos membros se debatem em dificuldades, de indigência, de miséria e de fome». O problema, porque de amplitude mundial requer geral inquietação e acção, tendo como base a tomada de consciência de cada um na responsabilidade que lhe cabe, consoante o lugar que ocupa. E o tempo urge. Não se nos permite sequer hesitação sobre se estou ou não implicado no problema. Tempo que se perde, são horas de morte para irmãos nossos que morrem à fome. O test a que Cristo nos sujeita no mundo basta para nos coagir à acção, e tremer pelo receio de falharmos: «Tive fome e deste-me de comer... Tive fome e não Me deste de comer...» É preciso matar o egoísmo pessoal para se chegar a extinguir o das Nações, e consequentemente se poder matar a fome a quem a ela está sujeito.

Se em ti a fome é sintoma de boa saúde e com fome saboieras mais gulosamente a mesa, lembra-te que a fome é também um mal para aqueles que a suportam sem a poderem saciar.

Dadre Baptista

do Património dos Pobres desejariam

Cada semana que passa são umas tantas casas a menos que se não constroem, diz acertadamente um dos correspondentes desta quinzena.

Enquanto esse dia não chega nada impede, porém, que alguma coisa se faça a bem do Património e, neste momento, estou exactamente a pensar nos milhares de Agentes «TOTOBOLA» espalhados pelo País, até à mais remota povoação, e entre eles quantos e quantos amigos, admiradores e simpatizantes da Obra da Rua.

A minha sugestão dirige-se a estes e aos restantes que por certo não deixariam de ser contagiados pelo objectivo cristamente caridoso da «Campanha». Solicitada a sua valiosa colaboração, através de «O Gaiato» e directamente, por qualquer meio, seriam colocadas junto das máquinas registadoras das apostas caixas destinadas à recolha das ofertas dos apostadores, cada uma com a indicação bem visível do fim a que se destinam—tal como:

«O PATRIMÓNIO DOS POBRES ESPERA O TEU TOSTÃO».

Certamente que este «tostão» não corresponde matematicamente ao que se pretende com a ideia inicial —

mas quantos, á falta do pequenino tostão, não deixarão na «caixinha» uma moeda de maior valor?»

★

Ai o que eu gosto deste fervilhar de ideias! De gente viva é o mundo dos nossos leitores! Não há membros mortos ou dormentes. Tudo almas que vibram com as ideias boas em favor do próximo e que por isso mesmo não esperam soluções mas se empenham em ajudar a encontrá-las.

O nosso correspondente da Chamusca continua com o seu postalzinho quinzenal. O último é de 29 de Abril e já regista a nossa concordância com o seu alvitre. Ele queria que não demorasse, já, embora com quantia menos avultada... «Que vale mais um passaro na mão que dois a voar!» E acrescenta. «O que é preciso é conseguir boa vontade da Misericórdia, pois dela depende o resultado por matriz entrada».

Ora eu posso aqui dizê-lo — e devo dizê-lo — que não há má vontade na Misericórdia. Há mesmo algumas grandes boas vontades. Mas não há nada de bom e de simples que não tenha dificuldades para nascer e vingar!

Eu espero ter, na próxima quinzena, ao menos uma palavra de mais esperança, para dar aos interessados participantes desta campanha.



Auto- Construção

É preciso que a nossa mocidade não seja enganada, que não se deixe enganar.

Quem se der ao cuidado de ver os livros que ela lê, os mestres que segue, bem depressa dá conta do desejo de alimentar uma revolta por um passado que julga injusto. Este estado de espírito exacerbou-se, ao máximo, com o conhecimento da vida dum ou outro país mais distante, que nem sempre corresponde à plena realidade dos factos. Há algumas ou muitas injustiças sociais. Dão na vista uns tantos casos flagrantes. Esses casos são apontados frequentissimamente como causas de inúmeras desgraças e também como causa de muitas famílias não terem a sua casa. Que se peça mais e mais justiça social é um direito e será até um dever. Nada menos objectivo do que julgar resolvidos os grandes problemas sociais, quando meia dúzia de injustiças flagrantes tiverem desaparecido. Os que formam homens de carácter e de mentalidade e vi-

da cristãs serão sempre os melhores obreiros sociais. Havemos de repetir esta ideia muitas vezes. O melhor combate aos males será sempre na sua causa, na sua origem. Prometer facilidades sem pedir esforço é ser charlatão. E o progresso, as descobertas científicas não destruirão esta regra? Muito ao contrário. Pós-se uma ou outra injustiça numa bandeira e agitou-se aos quatro ventos. Não indagamos das intenções. Lamentamos, sim, que os nossos jovens possam ser irremediavelmente enganados, julgando que podem transformar o mundo dumma vez, pela sorte dum revolução, pela virtude dum sistema em que a revolta e a violência venham a substituir a formação do carácter, o trabalho duro e persistente, a colaboração activa e, sobretudo, o exercício conjunto da justiça e da caridade para com todos e nunca para uma classe.

Que a nossa mocidade seja inteligente, que saiba avaliar a relação entre



A Obra da Rua é uma grande Família. Uma Família muito grande que todos os dias alarga seus âmbitos e rasga horizontes novos. E ontem foi um dia grande. Um dia de Família que se fez sentir em todos os membros da

A Família cresce . . .

Aqui Lisboa



Ernesto e esposa com a família de Setúbal

comunidade, este dia de Santo Atanásio:

«O Padrão da Obra é a Família; vida familiar. Eis a escola natural da sólida formação do Homem. Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão. Não há sistemas. Não há regras. Não há estatutos. Há a intuição», como nos legou Pai Américo este pedacinho de ouro que devemos ter sempre presente e impresso em nossos corações!

Estava a simplicidade de nossa capela, dizendo da simplicidade de Deus. Estavam as nossas casas, desta formosa aldeia, que floresciam através da chuva miudinha

que caía. Estavam as avenidas, os campos, a mata, a presença meiga, terna das flores que vieram para enfeitar este mês da Mãe. Por ser no mês d'Ela o dia era maior por ser grande, incomensuravelmente grande.

Estavam todos os rapazes, tendo bem presente que a Obra é de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Nesta altura, a Obra é mais nossa. Nós, mais filhos. Ela, porque bem juntinho da Mãe das Dores, mais Mãe ainda se torna e esta maternidade espargem-se pelas sete partidas do mundo, onde há filhos e netos. Os que estão separados pelas longas distâncias encontram-se bem mais perto.

Toca a sineta. Já estamos todos na Capela. Os noivos estão também. A presença dos dois casais de Miranda que se uniram no passado domingo, 29. Os casais de Paço de Sousa. Grandes, pequenos, batatas. De um lado S. Francisco. Do outro com duas velas acesas e uma linda jarra de alvas flores, Nossa Senhora, que é a Mãe dos gaiatos. A candeia de azeite acesa. Os degraus e altar granítico que são o encanto de quem nos visita. O côro orfeônico exhibe-se com todo o acerto pela mão de mestre do Senhor Padre Arlindo. O Mundo do Gaiato curva aos pés do altar. Há silencio, notando-se apenas, o crepitar das velas. Os olhos e os corações fitam estes irmãos que vão dizer o sim unindo-se para todo o sempre como mandam os canones da Igreja. Os lindos vitrais. Esta, aquela e mais aquela outra flor donde emana o doce perfume de aleluia! Mãos erguidas. Preces que se erguem. Almas que se fundem. A Mesa Eucarística e muitos que se apro-

ximam, com as vestes nupciais, tomando parte no Banquete.

Do lado do Evangelho, uma grande cruz lavrada na pedra fala da presença real de Pai Américo. Levantou-se, andou, falou-nos:

«Meus filhos: O cantinho de hoje é para ser lido e meditado pela chamada classe dos grandes, em nossas casas. Para ser ainda mais claro, ele é destinado aos dos nossos que andam actualmente a passar e a sofrer o cabo das tormentas. As tormentas da idade. Sofrer, sim. Digo bem. Cada um de vós, sempre, mas principalmente nesta altura da vida, tem de sacrificar-se. De dar alguma coisa de si mesmo, afim de não cair na desgraça de trocar o que quer que seja pelo seu dever. Este dever, não é uma dívida de dinheiro. É uma dívida à nossa Obra, à sociedade, a ti mesmo... e a Deus. Sim, meus filhos. É bem um cabo das tormentas a tua vida de hoje, nessa tua idade, mas não tenhas medo. Jesus Cristo vai na barca. Asseguro-te, em nome d'Ele, a bonança, a seu tempo. Vigia-te. Vigia-te. Vigia-te!»

E nós escutamos as suas falas de Pai bondoso, como não há outro. Eu, tu, aquele, não temos família? Mentira. Tivemos, temos e teremos um pai. E nós temos um! Está de sentinela. Em vigília permanente. Sempre alerta para não cairmos na boca do leão. Ele anda aí. Ele rugiu. Ele mete medo!

A capela está cheia. Cheios estão os gaiatos. A transbordar de alegria estão os chefes da família. Via-se. Sentia-se. Era um dom bem palpável.

— Ernesto Pinto, desejas receber para tua legítima esposa, em conformidade com as leis da Santa Igreja, a Maria da Conceição?

— Sim.

— Maria da Conceição, desejas para teu legítimo esposo, Ernesto Pinto?

— Sim.

E assim uniram seus destinos para sempre, ficando desta feita a Obra da Rua mais rica, pela entrada de mais um elemento na Família.

★

Alegria. Boa disposição. As festas íntimas transportam-se sempre para o exterior e aqui não faltou à regra. Foi uma festa bonita. Bela em sua singeleza. Grande em seu significado. Fazia anos que o Senhor Padre Carlos nascia. Nascia para o Sacerdócio. Crescia para a Obra a que ficou, um dia, preso pela alma.

Ben unido, o Senhor D. António que, apesar de estar longe de seus filhos, mais presente era pelos seus estigmas. As almas sofridas são as melhores porque postas à prova.

★

Depois das fotografias, dos abraços gaiatos, lá fomos comer o caldinho. E que bom que ele estava! Já não apetecia bastante.

O refeitório vestia as suas melhores galas e muito contribuiu para isso o trabalho e gosto do Américo que é o nosso chefe e o sacrifício da Senhora. Estava tudo bonito. Pai Américo, como sem-

pre, em lugar de honra. As mesas enfeitadas. O almoço foi farto. Não faltava nada. Doces, aletria, amêndoas, canja. Arroz, galinha, vinho, sobremesa de fruta.

«Sepadre Velhote», como chamamos ao Senhor Padre Horácio, estava a todo o gastoqueiro. Só ele fazia a festa. Sepadre Acílio pedia mais uma perninha de galinha. Sepadre Zé do Tojal não deixava passar nada. Era um bom «sopper». Sepadre Carlos teve de usar de canças no prato, pois estava bastante acorcolado. Sepadre Manel, Digmo Director Geral dos Desportos, estava ao ataque. Os refeiteiros não tinham mãos a medir. Era o Américo, o Adolfo, o Niche. O Lindoso ainda escondeu um valente prato de doce. É um valente tartaro... O Jaime e o Caruças, na cozinha, faziam um barulho dos diabos. Nós, íamos metendo a mão ao prato, fazendo pela vida que é custosa e também ajudávamos à serenata. O vinho da cuba era uma categoria. Sepadre Manel não se cansava de dizer o mesmo:

— Diz lá, não é bom, o nosso vinho! Olha que delícia. E o branco... aquele branco!

Realmente estava como manda a respectiva. Parabéns aos do formo, com Niche à frente e Rocha à ilharga, logo seguidos dos outros todos:

— Não há por aí alface?

— Ouve lá, a galinha já acabou? Querias mais uma pernitá para matar um bicho que ainda aqui anda a roer.

— Não vem o café? Ai que cozinheiros estes...

— Eh pá, chega-me isso...

— Queres que te dê uma ajuda a essa aletria?

— Tin, tlin...

— Amen...

Para isto era o Tira-Olhos que estava sempre na brecha e não perdoava nada. *Mata* tudo que lhe aparecia pela frente. Parecia com um pedreiro de alto lá com o charuto...

— Senhor Padre Arlindo, um dos bons membros da Família também fez um perninha. Mostrou matar em boa forma...

daniel

FESTAS

O Famoso já estava quase a rolar sem termos notícia das datas decisivas da nossa festa em Lisboa e em Setúbal. Porém, à última hora, surge um telefonema espumante do Snr. Padre José Maria, com a boa nova: dia 23 do corrente, às 21,15 h., será no Luiza Tody, em Setúbal; e no dia 24, às 18,15 h., no Monumental, em Lisboa.

Os bilhetes, segundo diz, já podem ser adquiridos nos locais do costume.

Alegrem-se os lisboetas mais setubalenses. E que ninguém falte!

Há muito que não se fala aqui da Curraleira, durante muitos anos, o lugar de peregrinação aos Pobres para o Padre desta Casa de Lisboa. Pois, assim tem acontecido por a Curraleira de há anos, estar entregue em boas mãos. É a Conferência de Nossa Senhora do Amparo. Vicentinas apaixonadamente dedicadas aos Pobres e seus problemas. A Curraleira que até há pouco foi um símbolo triste e lúgubre de quanta miséria baixa há em Lisboa, neste momento é um exemplo. Não que as barracas tenham mudado a cor ou a estética, ou que o seu interior tenha sido limpo ou alterado. Na Curraleira o amor das Vicentinas tem feito prodígios: Verdadeiramente têm operado uma redenção naquelas gentes. Tratam as crianças, lavam-nas, vestem-nas, alimentam-nas. Chamam os seus pais e ensinam-nos a tratar dos filhos: Incutem neles hábitos de trabalho, de interesse pela solução do problema de cada um. Numra palavra, as Vicentinas fizeram sua a vida daquela gente.

Há tempos ao tentarem resolver um problema familiar, conseguiram que um parente no Ultramar chamasse aquela família. As notícias que de lá vieram foram tão espantosas para aqueles pobres que foi fácil entusiasmarem-se com a ideia de ir para Africa. Posto o problema a quem de direito «The right man in the right place» como diria Pai Américo, tudo foi fácil. «Tantos quantos», foi a resposta.

Corações abertos desmedidamente ao problema de cada Pobre, tudo fazem porém com prudência, reflexão e espírito de fé. E depois... «Deus quer, o homem sonha e a obra nasce», como diz o poeta. Neste momento está construído mais um barracão, já é o segundo. Em certos dias da semana mães vão aprender a cuidar dos seus bebés, fazem as suas roupas, aprendem a tratar da casa. E são remuneradas pelo seu trabalho. Os homens igualmente estão a ser instruídos no mesmo sentido da valorização pessoal pelo trabalho, da dignidade humana pelo cumprimento fiel como maridos, pais e cristãos. E quando forem julgados aptos, estarão vinte, cem ou duzentas portas abertas no Ultramar, na perspectiva duma vida feliz que jamais conheceram. As primeiras vinte famílias estão na hora da partida, talvez já tenham partido mesmo. Levam no seu coração uma serenidade feliz, na visão da vida que vão começar. E certamente levarão também no peito uma mágoa profunda pelos seus muitos irmãos de infortúnio que continuam nesta Lisboa perdida no passo do progresso.

Que este acontecimento seja uma bandeira de esperança para tantas famílias e um toque

Continua na página quatro

VISADO PELA
COMISSÃO
DE CENSURA

os fins e os meios, que não tenha em menos estima o trabalhador fecundo que o orador brilhante e que para alguém colher na alegria terá de nascer no trabalho sempre duro, na dor sempre providencial e na cooperação com o seu semelhante sempre difícil.

(Toda a correspondência para Auto-Construção—Aguiar da Beira)

Padre Fonseca



Da que nós necessitamos

Entre as várias colunas do nosso «Famoso», esta, também recebe dos amigos da Obra, hinos de Fé e Caridade, nas revelações de que só «O Gaiato» é capaz.

Chegam-nos todos os dias, através do correio, cartas espantosas no Amor que nos dedicam, e em que o Senhor é louvado.

Começamos esta crónica, com uma das muitas que recebemos:

«Vão 50\$00 pela assinatura do «Gaiato». Não sei o número, mas isso não importa. Às vezes também o compro quando alguém me oferece. A Obra merece tudo!

Uma mãe sem filhos e que os vê em todos, porque «O Senhor mo deu e o Senhor mo levou! Bendito seja o Senhor!»

Ó beleza! (É esta a exclamação do Sr. Padre Carlos à carta).

Minha senhora, para que a nossa desorganização organizada, seja melhor, rogamos o favor de nos enviar o número ou nome em que o jornal é recebido, para dar baixa na ficha respectiva. E obrigado.

50\$ de «Eterna Saudade», Tomar. E 70\$ de anónimo. Rio Tinto com 200\$. De Luanda, assinante 11.902, duas vezes 200\$. Do assinante 4.811, 50\$. E os 20\$ habituais da Rua da Madalena. Mais Rio Tinto com 100\$. De Aveiro 50\$. E o Sr. Manuel da R. da Corticeira, lamentando ter pouco trabalho, com 20\$.

Anónimo do Porto, com um cheque de 3.000\$. De «Uma incógnita ilhavense» 50\$. E a presença sempre muito estimada do Pessoal da Mobil, com 47\$50 + 47\$50. Soure com 20\$. Queluz com 100\$ e 240\$. Duma assinante 100\$. De M. L. — Leiria, 20\$. Aveiro com 20\$. Uma enfermeira de Lisboa, 100\$. De um senhor engenheiro, também de Lisboa, 5.000\$. Assinante 30.066 com 465\$40 e assinante 31.837 com 170\$, de aumentos de salários.

500\$, «oferece-os o meu filho e são parte de um prémio de pintura que recebeu». Mais 100\$ «de uma promessa pelo feliz nascimento de um menino que acaba de ficar órfão». Novamente Rio Tinto com 200\$, 100\$ e mais 100\$. De Oliveira de Azemeis 100\$. Da mesma terra, a oferta de peças de vidro do Centro Vidreiro do Norte de Portugal. E Gafanha da Nazaré com duas harmónicas de boca, para os apreciadores e simpatizantes de música.

AQUI LISBOA

continuação da terceira página

ao trabalho a tantas Conferências Vicentinas de Lisboa entorpecidas no sentimentalismo da insignificante esmola que até hoje nada resolveu. Já basta de enganarmos os Pobres. A sua miséria não é uma condição, é uma omissão. Punhamos sem mais demora o que falta do nosso esforço e amor para que eles deixem os seus sepulcros e vivam como nós.

Padre José Maria



E as presenças costumadas de quem aparece mensalmente, com a devoção que só a Caridade faz permanecer. De Fevereiro e Março o singelo cartãozinho «Por Alma daquela que eu tanto amei para a Obra que Ela tanto amava». Também, presente, pelos dois meses, António envia 100\$ para a viúva da Nota da Quinzena, e 100\$ «Para ajudar uma mãe a alimentar seu filho» e ainda 100\$ para o Barredo. De «Uma amargurada, pelo dia 22», 50\$.

Mais da Capital, 100\$ «em acção de graças por Deus ter atendido o meu pedido e me ter concedido a graça de ter um filho». E 400\$ para cobertores, de uma senhora que arranjou maneira facilima, de amcalhar, juntando um escudo por dia. E no inverno cá aparece com um ror de escudos. Bem haja, e que outras senhoras aceitem a ideia.

De «Mais uma portuense», 400\$. «Pelos bons resultados nos exames de meus filhos», 20\$. Do Porto, 20\$. Por duas vezes, a presença sempre grata da Avó de Moscavide. Um anónimo com 60\$. Ilhavo com 50\$. Torres Vedras com 20\$.

Várias promessas cumpridas: Moncorvo com 50\$. Cural das Freiras com 20\$. Lisboa com 250\$. Fafe com 20\$. Do Porto 700\$. Coimbra com 2.000\$. Mais Lisboa com 100\$ e 10\$. De Vila Gouveia, 1.000\$. Por intermédio da Ideal Rádio, 20\$.

Do presépio da Rua Faria Guimarães 41, 150\$. O Porto com 20\$. Roupas de anónima. Mais encomendas de San Diego — Califórnia (U. S. A.), Coimbra, Beira, e 32 peças, não sei donde.

«Sufragando o passamento do nosso querido filhinho, em 21 de Fevereiro último, com a maior devoção mandamos o produto das suas economias inocentes, para ajuda da vossa Obra». Que o Senhor o tenha em Sua companhia.

Da Empresa Vidreira da Fontela, 6 sacos com 400 garrafas, que vieram fazer magnífico jeito à nossa secção vinícola. «Dum grupo de telefonistas, solicitando orações por uma colega falecida», 77\$70. Mais 100\$ de Fernando. De «uma alma cristã», 50\$.

De uma senhora de Lisboa 100\$, e respondemos que o nosso Lar, na Capital, é na Rua dos Navegantes, 34-r/c. E para finalizar, outra carta, esta da Amadora.

«Junto envio uma importância para ajudar a acudir às muitas necessidades que lhe caem sobre as costas. São oferecidas por alma de uma pessoa falecida.

Também junto o pedido de umas orações por intenção da mesma alma: a caridade cristã — e não há outra! — estende-se aos vivos e aos mortos.

No Seu grande Amor pelos homens, Deus não quiz que a morte tivesse poder algum sobre o amor do próximo.

Quando a minha hora chegar, gostaria que fossem estas «as flores» que me oferecessem.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

Manuel Pinto

Pelas Casas do Gaiato



Miranda: Humberto e Hingá com suas esposas!

MIRANDA DO CORVO

CASAMENTOS

Foram dois que se realizaram no domingo de Páscoa. O João e o Humberto, que desde pequenos estiveram no Lar de Coimbra, encontraram o seu futuro: O João como compositor na Gráfica e o Humberto já estabelecido com uma mercearia.

Chegou a hora deles. Encontraram a rainha do lar, aquela que Deus lhes indicou para ser a companheira que partilhará doravante as alegrias e tristezas que a vida a todos proporciona.

A nossa capelinha foi pequena para os da Casa e os nossos amigos, mais o bom povo do lugar que sempre nos acompanha nestes actos. Apadrinharam Sr. Padre Carlos e a Sr.ª Maria da Luz que a ambos os nubentes deu muito da sua vida de dedicação à Obra, onde os encontrou ainda pequeninos.

Tudo muito discreto, muito familiar, muito cristão. Nada daqueles aparatos exteriores a que a sociedade anda habituada.

O João e a Isilda, o Humberto e a Preciosa devem ter-se sentido bem assim nesta simplicidade familiar, recheados do carinho de tantos irmãos gaiatos, nos enfeites, na algarria da petizada e mais que tudo nos corceais brindes do almoço.

Depois do almoço realizou-se um jogo de futebol à despedida dos dois valores do Lar. As duas equipas: Lar de Coimbra e Miranda, debateram-se com tal tenacidade desportiva que o resultado final foi 3-3, mas em que a categoria do Lar se impõe com o João à baliza e o Humberto a defesa central.

A tardinha os noivos lá foram de visita às restantes Casas do Gaiato onde encontraram com certeza os mesmos testemunhos de fraternidade que une todos os gaiatos.

Horácio

«Pão dos Pobres»

Continua a sair, devagarinho... Quem dera que toda a gente saboreasse este Pão! Quem dera que o saboreassem, sobretudo os responsáveis, os poderosos, os cheios-de-si — que o gosto deste Pão seria garantia de mais pão para tantas bocas que o não provam.

Eu não quero falar por mim: sou filho — sou suspeito... Por isso aqui vos deixo, de entre um maço de cartas que eu vouleccionando sob o título de «Pão dos Pobres», alguns gritos de alma que revelam a fortaleza que dá este Pão, depois de lido e assimilado.

«Na época em que vivemos, ler um livro humano, como este, é bálsamo que não se pode desprezar e, por isso, peço a V. Rev.ª nunca esqueça que estou dentro dos amigos da «Casa do Gaiato» e embora modestamente gostaria de contribuir sempre para tão salutar empreendimento».

É Porto Amélia — norte de Moçambique:

«Os meus mais respeitosos cumprimentos. Por aqui tudo bem.

Hoje mesmo recebi o 2.º volume de «O Pão dos Pobres». Não o pedi, mas gostei e fiquei contente.

Não traz factura, nem preço; é doutrina, é Evangelho, é de facto pão que vem alimentar os corpos e fortalecer as almas.

O mundo perdeu o tino e para ele a doutrina não conta. Pobre mundo».

E agora, este testemunho tão lindo, mandado de S.º Ovídio, em letra muito irregular, que até ela dá valia ao depoimento:

«Venho por este meio pedir

lhe o favor de mandar o livro pão dos pobres que quero ler anoite um bocadinho cada dia não sei coanto costa mas envio 20 escudos e de pois fassão o favor de mandar o preço au Serto para eu saber coanto fico a dever. Sua Criada Emília».

E agora pasmai diante das maravilhas que a delicadeza do Amor opera!

«São 100\$00, para o que vos aprover, em lembrança de «O Pão dos Pobres» que recebi e muito agradeço.

Só dois pensamentos: Parabéns à Tipografia e Encadernação; e o livro, de facto, não tem preço. Desculpem-me enviar tão pouco».

Na verdade é preciso querermos bem, para assim louvar a parte material do livro, que nem em impressão nem em encadernação é digno de tais louvores.

São muito numerosas as cartas que nos dizem o que esta diz:

«Junto envio 20\$00 em nota e 5\$00 em selos, em troca do livro «Pão dos Pobres» que recebi já há tempo.

Não digo para pagar porque os livros de Pai Américo não têm preço.

É sempre com um prazer infinito que leio a sua prosa. Parece-me ouvi-lo.

Bem hajam, como se diz cá na Beira».

E mais esta:

«Muito lhe agradecia o favor de me enviar um exemplar do livro «Pão dos Pobres» — II volume, tão falado nos últimos números do vosso jornal e que me despertou imenso interesse. No entanto, como não li o I volume, agradecia-lhe imenso, caso fosse

possível, enviar-me juntamente o I volume, bem como as despesas de transporte de ambos. Não sei, se a estes livros foi atribuído algum valor material, pois o real creio que será impossível de satisfazer materialmente, mas em caso afirmativo, é favor juntar à nota das despesas de transporte; em caso negativo, enviarei o que puder e dar-lhes-ei as minhas impressões e certamente o bem que ele me vai fazer».

E termino com esta sugestão, vinda de uma Amiga que se não cansa de amar e constantemente se desdobra em formas novas de o fazer:

«Porque o livro Pão dos Pobres vai ter sucessivas edições, em diversas línguas, e influenciar o mundo católico durante dezenas de anos, talvez séculos, tomo a liberdade de lembrar o seguinte: —Faz alguma falta, para quem o lê actualmente, a data de cada crónica, porque muitas se referem a acontecimentos da guerra (p. e. Hitler, Mussolini, bombardeamentos de Coventry, etc.), de que ainda nos podemos recordar. Mas daqui a alguns anos, ninguém poderá entender a que se refere Padre Américo, se não tiver uma data e uma nota explicativa.

Falar do bem que me faz, diariamente, esta leitura, a segunda já, em doses pequenas — já deve ter centenas de cartas sobre o assunto. Bem haja por nos ter trazido esta mensagem, este alimento.

Não seria caso — daqui a algum tempo — para fazer uma edição-luxo, uma edição cara, para quem quisesse dar um bom presente ajudando a Casa?»